



PENTAGRAMA

Revista bimestral do LECTORIUM ROSICRUCIANUM *2006 número 2*

GEOCÊNTRICO, HELIOCÊNTRICO,
CRISTOCÊNTRICO



TERÁ A TERRA SE TORNADO NOVAMENTE PLANA?

A NOVA LINGUAGEM DA ESCOLA ESPIRITUAL

CAMPO DE TRABALHO EM AÇÃO...

HOMEM E MULHER FORMAM UMA UNIDADE

O MITO DA CRIAÇÃO SEGUNDO O *CORPUS HERMETICUM*

O RESULTADO ALQUÍMICO

PENTAGRAMA

GEOCÊNTRICO – HELIOCÊNTRICO – CRISTOCÊNTRICO

A viagem em direção à vida imutável da
alma-espírito vivente encontra sua coroação
ao receber o “prêmio da corrida”:
a ligação com o espírito divino.



SUMÁRIO

- 2 TERÁ A TERRA SE
TORNADO NOVAMENTE
PLANA?
- 3 A NOVA LINGUAGEM DA
ESCOLA ESPIRITUAL
- 9 GEOCÊNTRICO –
HELIOCÊNTRICO –
CRISTOCÊNTRICO
- 17 CAMPO DE TRABALHO
EM AÇÃO...
- 30 HOMEM E MULHER
FORMAM UMA UNIDADE
- 35 O MITO DA CRIAÇÃO
SEGUNDO O *CORPUS
HERMETICUM*
- 40 O RESULTADO
ALQUÍMICO

ANO 28 Nº 2
ABRIL 2006



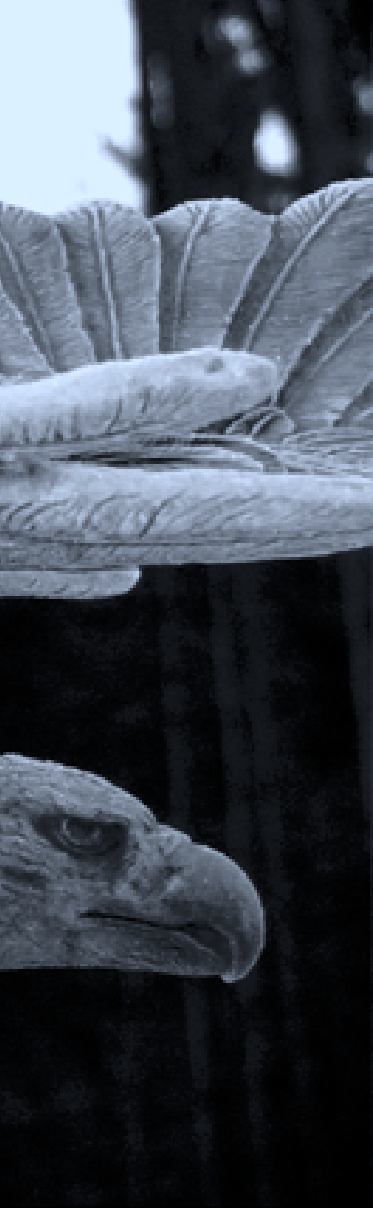
TERÁ A TERRA SE TORNADO NOVAMENTE PLANA?

A águia simboliza a rapidez, a força e a pura percepção do espírito.

Esta é uma das duas esculturas em bronze que aparecem em ambos os lados do Templo de Renova.

Foto Pentagrama

“O mundo é plano”. Ao iniciar sua viagem, em 1492, Cristóvão Colombo foi advertido a não navegar até a borda do oceano. Sabemos, agora, que a terra é redonda e que um horizonte sucede ao outro. Especiarias, seda, ouro e prata chegaram à Europa, provindos de terras maravilhosas e desconhecidas. Atualmente, o mundo se revela “mais plano do que nunca” segundo o jornalista americano Thomas Friedman; em outras palavras, já não existem horizontes. No passado, as mulheres de Amsterdã aguardavam com curiosidade qual seria a última moda em Paris. Em 2005, em seus momentos de lazer, o diretor de uma multinacional de Nova Iorque veste um blue jeans como um trabalhador de Katmandu.



A NOVA LINGUAGEM DA ESCOLA ESPIRITUAL

No decorrer de duas recentes alocuções, a Direção Espiritual do Lectorium Rosicrucianum fez uma exposição sobre a nova atividade empreendida pela Escola Espiritual da Rosacruz Áurea desde 2001.

O tema da primeira alocução foi o comportamento a ser observado pelo aluno e a nova maneira de trabalhar em nossa época, comportamento e trabalho baseados na expressão de experiências realmente vividas e não mais na transmissão de uma sabedoria puramente livresca.

A segunda alocução concede um novo lugar à Escola Espiritual no decorrer da obra libertadora. A Escola Espiritual não é apenas formada por um grupo isolado de obreiros, porém faz parte de uma cadeia de ação mundial. Seu objetivo é fazer os seres humanos compreender seu duplo aspecto como seres naturais e como portadores de uma centelha do espírito imortal. Sentimo-nos felizes em poder publicar essas duas alocuções.

A globalização, a Internet, a televisão, os celulares e os satélites fizeram desaparecer fronteiras e horizontes. A terra tornou-se tão plana quanto uma panela, mas pende agora perigosamente para o leste: fábricas e empregos migraram para a Ásia porque a mão de obra e a tecnologia lá são mais baratas que no Ocidente. A economia rapidamente crescente da China e da Índia está em vias de absorver a economia ocidental. A falta de petróleo, de matérias primas e de poder militar faz nascer inquietudes. Nem a América nem a Europa conseguem impor sua supremacia mundial, enquanto

que, nos bastidores, certas nações, contando com um bilhão de habitantes, emergem estruturalmente como novas potências. Elas aguardam o momento propício para aniquilar a superioridade do Ocidente pretensamente livre, mas enfraquecido até à medula. As democracias se tornaram extremamente vulneráveis. Tornou-se difícil combater e reprimir o terrorismo. A humanidade em desespero busca por uma porta de saída. Parece que, apesar da abertura de novos horizontes, ela gira no interior dos limites de uma terra novamente plana.

Hoje, ergue-se no ser humano o



desejo de se libertar desta terra limitada e de explorar o espaço. Surgiu a idéia absurda de colonizar outros planetas. Faltava apenas acreditar nisso e agora já se financia esse empreendimento, enquanto milhões de pessoas morrem de fome, sem qualquer socorro. Trata-se de uma compreensão imprópria dos impulsos aquarianos, que nos incitam a nos libertarmos dos limites terrestres. A humanidade deu um passo gigantesco quando a imagem que fazia da terra passou de geocêntrica para heliocêntrica, ou por outras palavras: quando ela reconheceu que era a terra que girava em torno do sol e não o inverso.

Terá essa importante mudança de conceito aproximado a humanidade de Deus? Isso deveria um dia acontecer. Mas esse grande passo adiante trouxe um resultado aflitivo sob a forma do modelo mecanicista rígido apresentado por Descartes e Newton, que estabeleceu uma cisão ainda mais profunda entre espírito e matéria, a matéria morta. Esse “nadir” dessa cisão explica as famosas palavras de Laplace: “Deus? Não tenho nenhuma necessidade dessa hipótese”. Os longos anos de sufocante determinismo mecanicista deram nascimento a um grande pessimismo no Ocidente, e esse afastamento da natureza e da idéia de um plano divino acarretou sérias consequências. Deus e tudo o que existe foram representados sob a forma de um relógio posto em movimento com uma precisão inexorável. O dogmatismo científico estabelecido por Descartes e Newton resultou na idéia de que não podemos ver na natureza o menor sentido, o menor significado.

A mão glacial desta concepção puramente mecanicista oprimiu por longo tempo o coração do ser humano até o dia em que, no século passado,

novas teorias fizeram desmoronar o velho edifício: a teoria da relatividade, a física quântica, a psicologia de C. G. Jung, as descobertas da biodinâmica, a cosmologia e a psicossomática, o holismo (teoria segundo a qual o conjunto tem uma realidade independente de suas partes), a não-dependência, no espaço e no tempo, das ligações das partículas elementares, bem como da consciência no plano da comunicação.

A matemática moderna parte da hipótese de um “hiperespaço” de 10 a 11 dimensões em razão dos enigmas propostos pela teoria do “big bang”. A possibilidade de uma multidão de universos no seio de um “metaverso” não está excluída; à semelhança de bilhões de bolhas de sabão surgiram esses universos, mas apenas um, o nosso, pode existir e desenvolver-se. O menor desvio numa direção em uma das relações incrivelmente precisas de mais de trinta constantes cósmicas do nosso Universo causaria a implosão de sistemas estelares recém-nascidos. O mesmo desvio na outra direção e eles explodiriam. Mas como semelhante ordem poderia ter surgido por acaso como consequência de colisões atômicas? Essa é uma pergunta que os cientistas começam a se fazer. Embora ainda se aceite os princípios da doutrina da evolução segundo Darwin, o acaso começa a suscitar dúvidas assim como a idéia de que uma simples criança poderia, “casualmente”, montar um relógio Rolex.

De todo modo, o Universo não pára de nos surpreender, entre outras coisas, também por causa de seus “buracos negros”. Embora em princípio eles não emitam nenhuma luz (por isso são chamados de “negros”), Stephen Hawking e Roger Penrose estabeleceram que, segundo cálculos bastante prováveis, átomos poderiam escapar

Por trás de cada horizonte aparece um novo horizonte.



desses buracos negros, e, nesse caso, o buraco negro poderia “evaporar-se”. Não faz muito tempo, um astrônomo descobriu igualmente que certos pequenos buracos negros emitiam intensa energia sob a forma de duas correntes relativamente fracas de partículas carregadas de eletricidade projetadas em direções opostas. Uma dessas correntes, originária de um buraco negro da constelação de Cygnos X-1, teria formado uma bolha de gás de um diâmetro de dez anos-luz (!), que ainda não parou de se expandir.

A imensidade de tudo isso nos leva a pensar na *Doutrina secreta* com seus “kalpas, manvantaras e mahapralayas”, conceitos orientais que ultrapassam de longe os quadros da física ocidental. As hipóteses da física quântica se aproximam aos poucos dos conceitos da mística oriental. Uma delas postula a unidade de todo o Universo, hipótese baseada no “campo-Akasha”, ou “campo-A”: um campo de informação cósmica acessível. Portanto, algo está em movimento. Assim começamos a compreender que não há matéria morta nem espaço vazio. A idéia de vazio deu lugar à idéia de plenitude que tudo envolve e penetra, ou seja, uma plenitude de informações relativas à gênese universal.

É possível concluir, de tudo isso, que a humanidade está se aproximando do espírito? Sim, em certo sentido. A grande cisão entre espírito e matéria

está a ponto de ser abolida. Em muitos casos, a relação entre consciência e matéria está sendo cuidadosamente pesquisada. Mas é preciso ainda esperar para sabermos se estamos nos aproximando verdadeiramente do espírito divino. E ninguém pode prever o tempo que ainda falta para chegarmos a isso. Muitos estão a caminho, a humanidade está a caminho, bem como a ciência. As religiões estão sendo, aos poucos, suplantadas pela “espiritualidade”. O deus que reinava majestosamente em um trono longe dos homens está ultrapassado; agora, está na moda a idéia de um deus na forma de uma energia infinita, suscetível de estar presente no próprio homem. Trata-se de uma mudança considerável de ponto de vista, nada mais. Deus ainda deve renascer no homem. Ora, as dores de um tal nascimento anunciado já há séculos são bastante penosas, pois é preciso que os conceitos mentais dos seres humanos mudem por completo. Ademais, é impossível lutar contra a influência dos planetas dos mistérios e a tempestade de fogo desencadeada pela era de Aquário.

E nós que, em meio à desordem que a nova era anuncia, nos encontramos hoje reunidos no Templo de Renova por ocasião da conferência anual, compreendemos que a nova era apresenta exigências particulares. Trata-se de saber se na próxima fase do trabalho poderemos satisfazer a essas exi-

gências. Muitos alunos estão bastante conscientes da chegada da nova era. Jan van Rijckenborgh e Catharose de Petri disseram sobre isso: “Aproxima-se o tempo em que podereis realizar, em sentido libertador, o que ainda vos parece impossível”.

Essa é a razão pela qual precisamos traçar novas diretrizes, diferentes daquelas de quarenta, trinta ou até mesmo cinco anos atrás. A mudança, a aceleração dos tempos, faz-se sentir cada vez mais!

O ALUNO CEM POR CENTO

Muito se tem falado dos “filhos da nova era”, contudo, dentro de vinte anos eles terão chegado à idade adulta. Eles aspiram a uma abordagem diferente das sempiternas argumentações filosóficas. Esses novos adultos são muito diretos. Sua aura se abre para tudo o que é de seu interesse e eles se revelam muito sutis para apreender de imediato a essência das coisas. Filosofia para eles é algo maravilhoso, porém somente como filosofia de *vida*, que possa ser empregada na própria vida. Quem fala de libertação deve ter começado a realizá-la em si mesmo, do contrário seu interesse enfraquece e eles se afastam rapidamente.

Por conseguinte, é exigência absoluta que o obreiro seja um aluno cem por cento e que trabalhe com os alunos, os interessados ou os jovens. Se este não for o caso, estes últimos, na qualidade de participantes da nova era, perceberão isso de imediato e vossas palavras não transmitirão a eles mensagem alguma. Vosso discipulado nunca pode conduzir aos resultados desejados e pode até mesmo nada significar para outros se não vos dedicardes a ele cem por cento. Não façais tudo “em nome de Deus”, com a coragem

do desespero, mas agi, ao contrário, com a coragem da esperança, da fé e do amor! Um discipulado formal orientado segundo regras e mandamentos não ajuda em nada, mesmo que sejamos perfeitos nele. São válidos somente os votos que vós e eu um dia fizemos: tornar-nos santos!

Talvez conheçais a lenda do aluno que disse ao mestre haver feito tudo o que era possível e acrescentou: “Que mais devo fazer?” E o sábio respondeu: “Mas, por que teu ser carece de fogo?” Em outras palavras: esse aluno havia feito tudo, mas do que realmente se tratava, a renovação mesma da natureza de seu fogo, *isso* ele não havia feito. Ele *não possuía* o fogo serpentino purificado e inflamado na Gnosis. Não se trata aqui de um temperamento ígneo nem de uma natureza exaltada, ou de qualquer traço de caráter exterior.

O importante é que a própria consciência, a cabeça do fogo serpentino, se inflame na Gnosis. Na atual fase evolutiva, o fogo da Gnosis não é simplesmente algo “sentido” pelo eu; ele é, fundamentalmente, um fogo purificador, uma dor pungente nascida do encontro entre a natureza e o Espírito, a dor da despedida, do desmoronamento de todas as ilusões, uma dor tão profunda que o ser nela mergulha num silêncio e impassibilidade totais. Toda pretensão desaparece, permanecendo somente a luz tranqüila da Gnosis.

Muito se fala e escreve sobre “a Gnosis” atualmente. Mas, qual desses oradores ou escritores consentiu em deixar-se queimar pelo fogo gnóstico até que nada mais restasse de seu “eu”? Muito poucos. Contudo, esse braseiro purificador é o fogo da graça perdida, com o qual deveis aproximar-vos dos buscadores, o fogo sobre o qual J. van Rijckenborgh diz: “Originalmente a Gnosis era a síntese da

sabedoria primordial, a soma de todo o conhecimento que apontava diretamente à vida divina original. [...] Os hierofantes da Gnosis eram – e ainda são – enviados do reino imutável. Eles traziam para a humanidade perdida a sabedoria divina e indicavam a senda única para aqueles que, na qualidade de filhos decaídos, desejavam retornar à pátria original. Essa Gnosis [...] jamais foi transmitida através de livros”. E o autor continua: “Dizemos com toda certeza que ninguém, no mundo dialético, jamais revelou a Gnosis em sua plenitude. Mas, então, qual o objetivo da Gnosis? Ela é, antes de tudo, força, radiação, luz. A Gnosis é a radiação do reino imutável, radiação essa ligada de modo único e direto com nosso microcosmo”. Todos que trabalham em silêncio e que refletem espiritualmente sobre seu discipulado devem conservar esta idéia clara e pura diante dos olhos.

COMO PODEMOS REALMENTE ESTAR EM UNIDADE?

“Rosacruz” é um nome do qual se faz todo tipo de uso, legítimo e ilegítimo. Grupos que praticam a magia sexual denominam-se rosacruzes, como também o fazem idealistas, utopistas, livres-pensadores, alquimistas, ocultistas, cabalistas, os praticantes do tarô e de todo o tipo de magia, da branca à negra. Na condição de alunos rosacruzes, encontramos-nos em companhia bastante heteróclita; o nome rosacruz é como uma bandeira que cobre todo tipo de carga. Devemos dizer claramente aos buscadores o que somos e a qual Rosacruz pertencemos e, sobretudo, fazendo notar a distância que nos separa dos outros grupos, pois existem diferenças essenciais que não devem ser dissimuladas.

Nosso trabalho tem especificamente por fonte uma estrutura iniciática vivente, um corpo vivo no qual devemos distinguir vários aspectos e órgãos. A unidade fundamental na qual e pela qual trabalhamos é o *núcleo*. Os núcleos devem receber toda a atenção da direção nacional, do presidium e da direção espiritual internacional. É necessário aspirar à integração do trabalho dos alunos, do trabalho de membros, da mocidade e do trabalho público; dito de outro modo, deve surgir uma comunicação aberta e um intercâmbio entre esses diversos aspectos do trabalho.

Como é possível empreender um trabalho comunitário a partir disso? Como podemos realizar a unidade de esforços e do espírito? Como podemos estabelecer verdadeiramente a unidade? Cada um de nós representa um aspecto da jóia com quarenta e nove facetas, e cada um de nós reage essencialmente a um dos quarenta e nove raios provenientes dos setes templos, dos *sete círculos áureos* que representam a plenitude da Fraternidade da Vida. Na condição de seres humanos da nova era, devemos polir nossa jóia, o átomo original, até que ela brilhe novamente em todo seu esplendor. Desse modo, ligamo-nos à Fraternidade Universal e nos tornamos unos com ela.

Então, de posse dessa plenitude e dessa realza, ataviados com essa jóia deslumbrante, iremos ao encontro dos seres humanos para oferecer-lhes esse auxílio e sustentáculo magnético e dar-lhes a possibilidade de beber da taça do Novo Testamento mediante a imitação de Cristo! Permanecemos, pois, unidos na obra a ser realizada nestes novos tempos.

Conferência anual dos alunos, Renova,
28 de agosto de 2005.

Dionísio veleja
sobre o mar.
Sete golfinhos o
acompanham,
sete racemos
dão-lhe a força
do êxtase en-
quanto a divinda-
de permanece
em equilíbrio
imperturbável e
paz celeste.
Copo de beber
do mestre
Exekias, 540-535
a.C., agora em
Munique.

GEOCÊNTRICO – HELIOCÊNTRICO – CRISTOCÊNTRICO

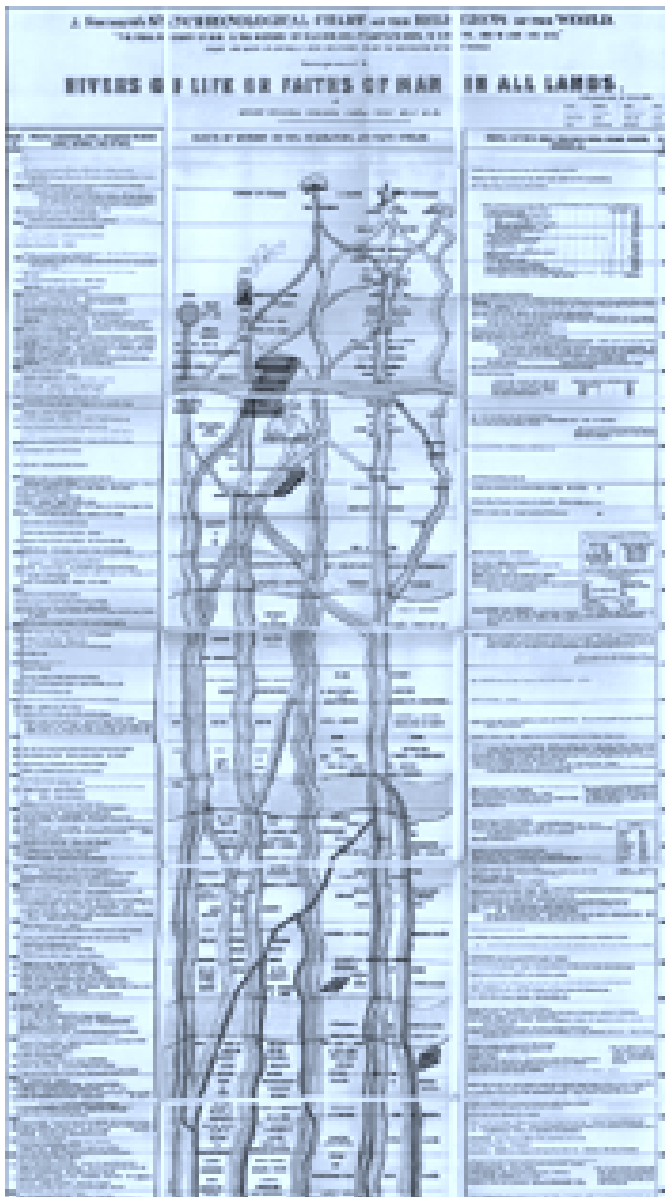


Recentemente fomos surpreendidos por esta afirmativa, que fala à imaginação:

“A terra é plana!”, bem como pela seguinte constatação:

“A humanidade, tal como a conhecemos, existe há apenas dois minutos”.

Este pequeno intervalo de tempo representa a relação entre os duzentos mil anos desde o aparecimento do homo sapiens no cenário terrestre e os respeitáveis quatro bilhões, quatrocentos e cinqüenta milhões de anos decorridos depois do surgimento de nossa mãe, a terra, segundo os dados da ciência.



O general James George Roche, 1824-1904 (James Forlong), fez carreira no exército anglo-indiano. Como engenheiro civil, foi responsável pela construção de estradas no interior da Índia. Ele viajou para o sul da Europa e o Oriente Médio. Bastante interessado em línguas estrangeiras, arqueologia e religiões orientais, seus estudos lingüísticos levaram-no a se interessar pela origem das crenças religiosas de 10.000 anos antes de Cristo, descobrindo, assim, que numerosos mitos cristãos provinham de antigas religiões. Após reformar-se, em 1877, ele publicou algumas obras importantes: *Rivers of Life*, em 1883 e *Faith of Man, a cyclopaedia of religions*, em 1906.

Imaginemos o planeta terra no sistema solar, o lugar que ele ocupa nesse sistema e sua capacidade de sustentar um ciclo sem fim de seres vivos que, não obstante possuírem muitas características em comum, são diferentes entre si. Para o filósofo grego Heráclito (ca. 540-480 a.C.) isso foi motivo para ele declarar: “Panta rhei” – tudo muda, tudo flui. Com isso ele queria dizer que, apesar dos aspectos contrários e das transformações contínuas do Universo, este compunha uma unidade. “Digo, não segundo o que ouvi, mas segundo o Logos, com o qual é sinal de sabedoria harmonizar-se e que afirma: Tudo é um.”

Tudo é um. Menos conhecida é esta citação do filósofo: “Não é possível atravessar duas vezes o mesmo rio...: ele se separa e em seguida se junta...; ele se aproxima e se afasta”¹. Jamais encontrareis duas vezes a mesma pessoa, o que significa que a lei da mudança aplica-se também ao homem enquanto pequeno mundo, enquanto microcosmo.

A ANTIGA TRÍADE DA CRIAÇÃO

Na sala de exposição da Bibliotheca Philosophica Hermética de Amsterdã há um mapa com alguns metros de comprimento e que traz por título: “Os rios da vida” ou “As correntes da vida”. Ele oferece uma visão da história humana após o dilúvio, aproximadamente há doze mil anos, que, pelo relógio do mundo, contado a partir do big bang², na realidade não representa senão um breve instante. Esse mapa e o curso da história que ele apresenta são de autoria do eminente historiador James Forlong³. Nesse mapa podemos ver, sob a forma de ramificações do imenso rio da

vida, as grandes correntes religiosas e os objetos de sua veneração: os deuses, os fundadores de religiões com suas doutrinas e os temas importantes de seus escritos sagrados. Eles são como uma bússola espiritual para os que, como os discípulos do gnóstico Teódoto (150 d.C.), se faziam perguntas fundamentais: “O que fomos, no que nos tornamos, onde já estivemos, que lugar é este a que chegamos, para onde vamos, de que devemos ser libertados, o que é o nascimento e o que é o renascimento...?”⁴ Com isso, Teódoto se aproxima da tríplice e misteriosa coesão da vida:

1. o criador: Deus;
2. a criação: o mundo infinito, o macrocosmo;
3. a criatura: o homem enquanto pequeno mundo, o microcosmo.

Esta é a antiga tríade criadora: Deus, cosmo e homem. O mapa de Forlong mostra a rica simbologia religiosa de nossos ancestrais. Vemos, sobretudo, a adoração ao sol, roda central da vida e fonte original da energia vital. A adoração do fogo na qualidade de força criadora, causa dinâmica da circulação oculta da seiva, do sangue em todas as correntes de vida. Vemos a veneração à árvore da vida, força de expressão visível do crescimento e da frutificação; a veneração à reprodução, simbolizada pelo falo e pelo útero; em seguida, temos a veneração à serpente, símbolo da sabedoria e do vigor, o “conhecimento de Deus” que é a Gnosis, sobre a qual Hermes Trismegisto diz: “Aquele que conhece a si mesmo conhece o Universo”. A veneração à serpente é ao mesmo tempo o conhecimento do bem e do mal, a distinção entre a luz e as trevas.

A TRÍADE: MEDIDA, NÚMERO E PESO

A vida se manifesta segundo as leis da medida, do número e do peso: a forma visível, a coesão interior, e o resultado, a criatura. É a essência criadora ao mesmo tempo visível, interior e espiritual, que emana do rio da vida, de uma profundidade insondável que tudo engloba e que conhecemos como Deus, o criador ou Pai-Mãe. Um campo de tensão tríplice determina a qualidade da existência do ser humano, sua identidade e seu poder de ver com o olho do coração e, finalmente, sua ligação com o espírito. Enquanto pequeno mundo, enquanto microcosmo, ele pode penetrar o mistério da criação. A união da personalidade, da alma e do espírito está no centro do mistério da entidade humana.

Tudo flui, nenhum momento volta atrás. A vida encaminha-se para sua revelação e realização, do ponto de vista da matéria, da alma e do espírito. Isso corresponde aos três mundos da percepção:

1. a percepção *geocêntrica* da nossa vida e da terra;
2. a percepção *heliocêntrica* do sistema zodiacal que nos envolve e os corpos celestes que nele se movem;
3. a percepção *cristocêntrica* que transcende a percepção sensorial limitada, o ingresso no mundo da alma vivente. É aí que surge o “conhecimento do coração” que permite receber “o prêmio da corrida”: a ligação com o espírito. Trata-se do domínio do único Criador; o domínio do primeiro e do último, do Alfa e do Ômega.

Se examinarmos os ensinamentos deixados por todos os que fizeram a descoberta do espírito no decorrer dos séculos, chegaremos a um mundo

*Rios de vida ou
Crenças dos homens
em todos os países,
de J.G.R. Forlong,
2,45 x 0,85 metros,
1883.*

de percepção onde passado, presente e futuro nos ligam à unidade, à semelhança dos raios de uma roda que convergem para o centro. Então descobriremos que é a roda da vida divina que põe em movimento as engrenagens do espaço e do tempo; descobriremos que o pequeno age em concordância perfeita com o grande; que o que é espiritual emana de Deus; que o que é interior procede da imortalidade; e que a vida mesma origina-se de transformações sem fim. Penetramos o sentido profundo dos símbolos externos, experimentamos a exatidão das palavras dos rosacruz: o homem é um *minutus mundus*, um pequeno mundo, um microcosmo.

Aprendemos, assim, a considerar todos os seres humanos que habitam o globo terrestre como membros de uma só família, quer pertençam à raça branca, negra, amarela ou vermelha. E, como “o homem é uma grande maravilha”, a criação da qual ele procede é uma maravilha ainda maior, enquanto seu Criador é a maravilha suprema. A admiração é, portanto, a força arrebatadora que se encontra por trás do caminho de nossa busca. Ele nos mostra a evidência da existência do Criador, o Grande Arquiteto do Universo, oculto na criação de modo tríplice. A maravilha é que, em realidade, existem três manifestações em movimento, que se interpenetram: o mundo visível, o mundo interior e o mundo espiritual, ou como diz von Eckartshausen: o exterior, o interior e o interior mais profundo. Em cada ser humano encontra-se gravada uma réplica do plano de criação. Um exame atento desse plano permite-nos reconhecer os testemunhos evidentes da Fraternidade mundial sétupla.

Heráclito afirma que a mudança é a única constante da vida. Se aceitarmos

que a mudança é a força propulsora do nascimento e da vida, penetraremos o mistério da imortalidade; perceberemos as dimensões – a medida, o número e o peso – do mundo interior. Uma chave tripla abre o caminho do que é inconstante e mortal para o que é imutável: a vida da alma-espírito.

Três mundos, três campos vibratórios, três velocidades atuam simultaneamente no interior da mesma criação:

- exteriormente: de modo cambiante e mortal;
- interiormente: segundo a vida da alma imutável;
- espiritualmente: de modo imortal.

COMPREENSÃO DAS LEIS ESPIRITUAIS

Doze mil anos são passados, e devemos ainda desvelar os testemunhos escritos relativos aos fundamentos da vida. O objetivo é ensinar a todos os seres humanos o verdadeiro significado da existência humana. Em cada divisão do tempo, elaborada por Forlong, aparecem aproximadamente vinte e quatro ápices que refletem um avanço social e espiritual. Trata-se da projeção do tríplice mistério: microcosmo – cosmo – macrocosmo. A humanidade e seu mundo estão integrados no plano inescrutável dos Senhores do Destino que se encontram a serviço do Criador da vida. Existe uma Fraternidade mundial atuando em sete planos a fim de orientar o destino da humanidade em direção das leis espirituais. Essas leis comportam sete aspectos que escapam às forças contrárias do mundo: positivo e negativo, luz e trevas... O dever de cada ser humano é renovar sua personalidade, sua alma e seu espírito. Na qualidade de criaturas efêmeras, ainda não ultrapassamos a

fase da aquisição da consciência: a libertação do ciclo mineral-vegetal-animal. Portanto, estamos ainda ligados ao processo da vida e da morte num campo de existência continuamente cambiante. A missão da Fraternidade mundial sétupla é servir ajudando os seres humanos a penetrar no mistério do devir consciente de sua alma. Trata-se aqui da segunda fase. Pode-se, portanto, dizer que a missão de todos os guias espirituais deve ser conduzir as almas de milhões de buscadores ao caminho da perfeição. A esse respeito, é possível extrair dos escritos sagrados a doutrina secreta da humanidade. Há dois mil anos, as fontes da gnosis egípcia, indiana, persa, chinesa e judaica confluíram num crisol que denominamos gnosis hermética cristã. Pensamos aqui nos textos herméticos do antigo Egito, no Bhagavad Gita, nos Vedas, no Zend-Avesta, no Tao Te King, no Tripitaka (o cânon do ensinamento de Buda) e na Torá (o Pentateuco, os cinco primeiros livros da Bíblia). No decorrer desses dois mil anos, pudemos acompanhar a manifestação da Gnosis em quatro fases; a influência da Idade Média cristã e da Renascença, são ainda bastante perceptíveis.

A UNIDADE DAS RELIGIÕES LIBERTADORAS

Atualmente, por ocasião da passagem do segundo para o terceiro milênio, colocamo-vos diante da Fraternidade mundial sétupla ao confirmarmos as palavras mágicas dos rosacruz clássicos do século 17: “Ingresso nos sete círculos e meu pensamento adentra o círculo superior, enquanto conservo os pés no círculo inferior”. Esta é uma realização possível, agora que a Fraternidade mundial nova-

mente se manifesta setuplamente em nossa comunidade, uma comunidade mundial de almas-espíritos.

J. van Rijckenborgh teve a visão de semelhante missão na forma da *Una Sancta*, a unidade de todos os verdadeiros iniciados, e que ele expôs em seu livro *A Gnosis em sua atual manifestação*⁵, onde diz:

“Na antiga lenda de Buda é dito que ele deu à humanidade sua doutrina de sabedoria e o impulso para novo despertar espiritual. Tendo terminado sua obra e já deixado a morada da noite, viu que, se por um lado tinha milhões de seguidores, infelizmente, por outro, desenrolava-se luta terrível e mortal entre o bramanismo e o budismo, justamente em consequência do seu aparecimento. Os brâmanes, que desde tempos remotos custodiavam os Vedas e os Upanishads, portanto também de sabedoria divina, estavam irados e combatiam com todos os meios o budismo crescente.

Os discípulos de Buda e os seus sucessores tampouco recuavam, e assim o coração do Sublime foi tomado de grande dor. Ele, que queria servir à humanidade e, com imensurável amor, salvar a todos, viu a guerra que se travava em seu nome. Por isso, resolveu voltar para as sombras da natureza da morte doze séculos após sua partida como Buda. Voltou como Shankara, o Sublime. Shankara é, realmente, um mestre cujo nome se encontra registrado na história. Não se trata aqui de lenda, mas de realidade: Shankara ensinou a síntese de toda a sabedoria divina. Ele mostrou que os Vedas, os Upanishads e a doutrina de Buda são idênticos e aspiram ao mesmo objetivo. Mostrou a universalidade de toda a doutrina da sabedoria. Tendo cumprido essa missão,

Shankara, que foi Buda, desapareceu de modo misterioso.

Relembramos essa história em relação à *Una Sancta*, à *Una Mystica*, que novamente se manifesta no corpo magnético da Escola Espiritual, pois a Escola Espiritual da Rosacruz Áurea não segue uma linha exclusivista e sectária. Não. Esta Escola, este corpo magnético, é uma verdadeira Escola de Shankara, na qual se revela a síntese de toda a sabedoria universal.

Assim como Shankara com seus seguidores e sublimes seguiram-se a Buda, assim também a Gnosis seguiu-se à manifestação de Jesus a fim de reunir todas as doutrinas de sabedoria de toda a história universal e manifestá-las segundo maravilhosa unidade. O taoísmo, o bramanismo, o budismo e o cristianismo estão, em essência, enquanto doutrinas e caminhos de libertação, unificados na Gnosis. Por isso, a Rosacruz ergue-se acima do secular conflito metafísico e serve ao Shankara de todos os tempos.”

Em seu aspecto exterior, na qualidade de obra mundial de Cristiano Rosacruz, a Escola Espiritual representa o *átrio*. Em seu aspecto interior, sua missão para com os seus membros é a de ser a voz vivente que ressoa na morada do espírito a fim de prepará-los para o trabalho no *Sanctum*, o *Santo*. Em seu aspecto espiritual, ela instrui com a finalidade de passar do Santo ao Santo dos Santos: no mais profundo, onde reina o espírito, o Senhor que está no centro de tudo.

Do mesmo modo, J. van Rijckenborgh escreve, no último capítulo de *A Gnosis em sua atual manifestação*:

“Por isso, levantam-se neste mundo milhões de torres de igrejas que, como braços do desespero, se estendem em busca de uma possibilidade de salvação. A única resposta que Cristo, o

dirigente do mundo, lhes dá é: ‘Meu Reino não é deste mundo. Vai, vende tudo o que tens e segue-me!’ Para o que a Pistis chama a atenção? Para a Sophia! Quem ou o que é a Sophia? É a outra emanção divina, que acompanha a Pistis, a verdadeira, a inviolável sabedoria que, sem fazer nenhuma concessão, dimana do pleroma divino.

A Sophia toma forma no que denominamos Gnosis, e precisamente nas escolas espirituais gnósticas de todos os tempos. Nessas escolas da Gnosis encontramos, também por essa razão, sempre a mesma Sophia, a mesma sabedoria: o mesmo caminho, a mesma verdade e a mesma vida. É indiferente se os pesquisadores vêm desta ou daquela comunidade, ou se a cor de sua pele é trigueira, vermelha ou branca, ou se vêm do meio budista, muçulmano ou cristão, todos eles foram instruídos e purificados pela única Sophia, na única Sophia se extinguiram para o renascimento.

Quem deseja uma prova para si mesmo, quem deseja segurar firmemente o fio de Ariadne, que preste atenção e verifique: a Gnosis tem sido em todos os tempos invariavelmente a mesma; ela mostra invariavelmente o mesmo caminho e fala invariavelmente a mesma linguagem. [...] Por conseguinte, é preciso saber que todas as fraternidades gnósticas precedentes denominaram-se igrejas, quiseram ser e precisaram ser igrejas. Estas, porém, como já dissemos, consagraram-se completamente à Sophia, para que todo o peregrino extenuado pudesse constituir-se em verdadeiro Pistis Sophia.

Eis por que não é sem uma profunda razão que a Escola Espiritual da Rosacruz Áurea doravante aparecerá diante do público cada vez mais como Lectorium Rosicrucianum Ekklesia

Pistis Sophia. Em 1º de setembro de 1954, a Escola recebeu a herança da Fraternidade precedente, e a essa herança e ao testamento pertence também o encargo de levar avante a obra como Ekklesia Pistis Sophia, encargo que assumimos plenamente. É evidente que, antes de tomarmos posse dessa herança, já de há muito estávamos ativos com o fim de atrair e vivificar os valores essenciais dessa herança para nos tornarmos dignos dela. [...] Um corpo hierárquico, no sentido gnóstico original da palavra, era, porém, algo completamente diferente. Significava, no aparato da vida organizado até em suas mínimas particularidades, um corpo vivo, com o auxílio do qual as emanções da Sophia podiam envolver todos os que eram acolhidos nesse corpo. Com o auxílio deste corpo a Sophia, que dimana do pleroma da vida universal, podia vir a ser recebida e assimilada por todos os que ali haviam sido acolhidos. O corpo vivo, portanto, não era somente um lugar de reunião comum, onde o conjunto magnético da comunidade experimentava um toque. Isso bastaria, talvez, para a igreja da Pistis; mas nesse corpo da Sophia, a Igreja dos cátaros, e nos demais lugares de ensino consagrados da Fraternidade precedente, podia-se, conforme leis gnósticas e científicas e mediante magia gnóstica aplicada, fazer com que descesse o toque da Sophia. Essa descida podia conduzir a um processo, o processo podia conduzir ao caminho da Rosacruz, o caminho da Rosacruz ao *trigonum igneum* e este ao fogo renovador no lugar do crânio [o calvário]. Desse modo, podia ocorrer uma ressurreição no novo campo de vida. [...] O corpo hierárquico está terminado e nele os alunos encontraram e ocuparam seus lugares. Portanto, eles são elos desse

Detalhe de uma pintura de 1900, G. Klimt
(1862-1918), Leopoldmuseum, Viena.



corpo vivo, elos da Ekklesia Pistis Sophia. Este organismo foi vivificado pela graça da Gnosis. A vida foi presenteada do “alto” à hierarquia gnóstica moderna. Tudo está preparado. A oficina foi provida até em suas minúcias com todo o instrumental; ali está a antiquíssima cozinha alquímica com todas as retortas e o fogo arde no forno. Tudo, tudo está preparado para que, em nós, da Pistis seja forjada a Sophia. Agora queremos e poremos toda nossa existência a serviço da *vida*, e assim, na corrente da graça da maré da Sophia, resultante do pleroma, de baixo para cima e inteligentemente, com o emprego de nossas novas qualidades de alma, também, de nossa parte, vivificaremos a Ekklesia Pistis Sophia.

Todos nós ocupamos nossos lugares segundo diretrizes hierárquicas. Não vamos nos acomodar e, assim, não nos satisfaremos simplesmente, de mãos postas, dizendo em êxtase místico: “Agradecemos-vos, ó Senhor!” Mas na vida que nos será concedida do alto, seremos dinâmicos, conseqüentes e, sem qualquer hesitação, viveremos como verdadeiros imaculados, puros, como irmãos da Comunidade dos rosacruz.

Assim, de novo, divulgaremos a Sophia e sua benção pelo mundo, como reino gnóstico, como manifestação inicial do grande trabalho universal da Fraternidade Mundial Gnóstica Sétupla.

O Lectorium Rosicrucianum Ekklesia Pistis Sophia viverá realmente, se com ele vivermos.”

Uma nova fase se inicia. Verdadeiro sal da terra, fermento do pão da vida, força de uma nova aliança, uma comunidade multicultural de numerosas almas viventes, batizadas no vinho do espírito, pode, hoje, continuar e executar o plano divino previsto para o mundo e a humanidade. A união faz a

força. A mão que nos reúne é a mão do divino mestre construtor. Nessa força, devemos avançar. Nossa caminhada em direção da vida imutável da alma-espírito vivente encontra sua coroação ao receber o “prêmio da corrida”: a ligação com o espírito divino.

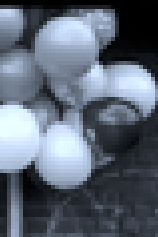
Alocução dominical de 6 de novembro de 2005, no Templo principal, em Haarlem.

NOTAS:

- 1 Mansfeld, J., *Heraclitus. Fragment.* Amsterdã: Athenaeum, 1979.
- 2 Segundo os cientistas, o *Big Bang* marca o nascimento do Universo, há aproximadamente 13-14 bilhões de anos.
- 3 Forlong, J. G. R., *Rivers of life, of sources and streams of the faith of man in all lands, showing the evolution of faith from the rudest symbolisms to the latest spiritual development.* Londres: Bernard Quaritch, 1883
- 4 *Excerpta ex Theodoto* 78.2.
- 5 Rijckenborgh, J. van, *A Gnosis em sua atual manifestação*, parte 3, *A Una Sancta*, São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1999. Shankara é o mestre indiano autor da Vedanta. J. van Rijckenborgh se refere à *Doutrina Secreta*, 3ª. Parte, de H. P. Blavatsky, “O mistério de Buda”, onde aparece o nome de Shankara. Dela citamos: “Gautama havia jurado segredo inviolável sobre as doutrinas esotéricas que lhe tinham sido transmitidas. Mas, em sua imensa piedade diante da ignorância e dos sofrimentos da humanidade deles decorrentes, ele negligenciou em dissimular certos dogmas, transgredindo assim as leis do carma, o que deu motivo a que fossem mal interpretadas as suas palavras [...] Seu novo ensinamento teve conseqüências fatais e jamais foi compreendido de maneira correta [...] Eis por que o ‘grande mestre’ preferiu renascer cinquenta e poucos anos depois de sua morte [...] por motivos cármicos e por seu amor à humanidade”. Os historiadores reconhecem, por volta de 788-820, a existência de um Shankara originário de Kevala, um dos maiores brâmanes filósofos do hinduísmo e que ainda muito jovem, entregou-se às peregrinações de um monge. Ele é tido como o autor da Vedanta e fundador de escolas hinduístas.



CAMPO DE TRABALHO EM AÇÃO...



CAMPO DE TRABALHO EM AÇÃO...



O comitê da redação da revista Pentagrama foi convidado a visitar diferentes países a fim de traçar a história desse periódico após a criação da Escola Espiritual em 1924. Foram organizadas palestras em um grande número de núcleos do Lectorium Rosicrucianum.

A turnê começou pela Holanda, seguida pelos núcleos da Bélgica. Depois visitamos o sul da Alemanha: Nuremberg, Munique, Ulm e, dois anos mais tarde, seguimos para Calw e Stuttgart. Em seguida, Lenzburg, Basileia, Berna e Zurique, na Suíça. Depois foi realizada uma palestra e uma exposição em Neustein, na Áustria, seguida por uma visita ao núcleo de Edshults Säteri na Suécia, e ao núcleo The Granary, em Little Dunham, na Grã-Bretanha. Na Polônia visitamos Breslau, Varsóvia e Katowice, e novamente fomos à Alemanha, aos núcleos de Hamburgo e Oldenburgo. Por fim, em 2005, o comitê da redação da Pentagrama, em companhia de uma delegação da Rozeekruis Pers, viajou para o Brasil, onde visitaram os núcleos de Itapetininga, Campinas, São Paulo e Fortaleza. Em um período de aproximadamente cinco anos foram visitados 38 núcleos distribuídos por nove países.

A palestra foi dividida em duas partes: o desenvolvimento histórico da Escola Espiritual, ilustrado por uma exposição, e uma apresentação da atual produção da Rozeekruis Pers. A exposição reuniu o acervo de publicações antigas da Escola Espiritual: as publicações diárias, semanais e mensais, tais como *Het Rozeekruis*, *Het Licht van het Rozeekruis*, *Nieuw-Esoterisch Weekblad*, entre outras. Brochuras, relatórios das reuniões extraordinárias, como lançamentos da primeira pedra e consagrações de Tem-



plos, planos e esboços de Renova (naquela época ainda Elkerlyc) e de Noverosa (De Haere) bem como as primeiras edições dos livros da Escola, que se tornaram raridades. A exposição apresentou, entre outras coisas, amplo material sobre a produção da revista Pentagrama: esboços, planos de trabalho, esquemas de produção, material de redação e de ilustração e edições da revista em quinze idiomas até o ano de 2004, que marcou seus vinte e cinco anos de existência. Em todos os núcleos essas apresentações suscitaram enorme interesse e deram aos participantes a oportunidade de fazer uma série de perguntas.

Poucos alunos, porém, fazem uma idéia da importância real da revista Pentagrama e do papel que ela representa em aproximadamente vinte países onde aparece, com uma tiragem total de dez mil exemplares. As edições holandesa, alemã, inglesa e francesa são impressas pela Rozekehuis Pers, em Haarlem. Os demais países têm sua própria edição.



AURORA, A LUZ DA MANHÃ DESPONTA!

No final do mês de maio de 2005, os alunos poloneses, bem como os convidados vindos da Holanda, da Alemanha, da Suíça, da França, da Hungria e da Rússia reuniram-se no núcleo Aurora, em Wielun, Polônia, para uma celebração de há muito aguardada: a consagração de três templos no transcorrer de uma Conferência que causou grande impressão. A Polônia é um país quase tão grande quanto a Alemanha; 95% dos alunos estavam presentes, dando assim testemunho de seu envolvimento com esse complexo templário situado em um dos maiores edifícios do Centro de

Wielun, Polônia.

CAMPO DE TRABALHO EM AÇÃO...



Conferências, totalmente renovado. Essa reforma foi realizada dentro do orçamento e prazo determinados.

Eis que, quatro anos depois de nosso núcleo ter começado suas atividades em nosso Centro de Conferências Aurora, todos nós podemos hoje verificar que fizemos bom uso de nosso tempo. Hoje, todos juntos, damos prova de que estamos prontos a nos engajar no caminho encetado. Com essas palavras a Direção Nacional do campo de trabalho polonês deu início à Conferência, salientando a forma como os alunos poloneses aceitaram e conduziram conscientemente sua tarefa.

Em seguida, a Direção Espiritual Internacional transmitiu sua mensagem com as seguintes palavras: “Por detrás do véu da ilusão do Universo visível, com suas miríades de sistemas planetários, irradia o sol espiritual, Vulcano. Seus raios são transmutados pela Fraternidade Universal e transmitidos à humanidade pelas escolas iniciáticas gnósticas. Assim, a humanidade recebe a força que lhe permite trabalhar no jardim de Deus e fazer desabrochar, na luz do sol nascente, a rosa, que preenche com seu perfume

todo o microcosmo. Tal como o sol nascente, assim ergue-se também o novo homem”.

Esse final de semana ensolarado nos encheu de uma paz benéfica e de harmonia. Todos os participantes apuseram sua assinatura numa placa de vidro onde estavam gravadas as seguintes palavras:

*Antes que o sol nasça,
o céu já se ilumina.
A Luz está presente!
Aurora, deusa do alvorecer;
Aurora, luz da manhã;
Aurora, promessa da nova luz.*

Apesar do adiamento de certos trabalhos, tudo transcorreu perfeitamente. Isso prova, mais uma vez, que uma boa organização em que cada um sabe o que é preciso fazer dentro do respeito mútuo é a garantia de uma eficácia infalível. Disso, os alunos estrangeiros e todos os alunos poloneses são testemunhas.

No outono de 1986, o Lectorium Rosicrucianum havia sido registrado na Polônia como uma comunidade religiosa. O grupo de alunos era ainda bastante pequeno. Hoje, ele conta

À esquerda, o jardim interior com o demarcador de fronteira. No centro: vista da Bakenessergracht com o Centro J.van Rijckenborgh, Haarlem; Portas abertas em Renova.



com mais de 300 pessoas entre os núcleos de Katowice, Koszalin, Varsóvia e Breslau. No último fim de semana de maio de 2005 foi inaugurada, para o campo de trabalho polonês, uma nova fase de trabalho.

HAARLEM, HOLANDA

No início do verão de 2005, o piano de cauda do Grande Templo tomou o caminho dos antigos escritórios do número 11 da Bakenessergracht. Com o auxílio de guindastes, ele passou por uma janela a fim de ser levado até o local onde seria restaurado.



No mês de setembro, o piano voltou ao seu lugar no pódio do Templo. Os conhecedores podem agora ouvir sons muito mais belos.

Não quisemos, neste período invernal, deixar de mostrar algumas imagens de nossa Sede renovada...

A ESCOLA DA ROSACRUZ ÁUREA NA MÍDIA

Dia de Portas abertas

Num sábado ensolarado de setembro de 2005 aconteceu o dia de “Portas abertas” sob o signo do “patrimônio religioso”.

Na ocasião, o Centro de Conferências Renova e o Grande Templo de Haarlem abriram suas portas ao público, acontecimento esse que chamou bastante a atenção da imprensa. O semanário local *De Vierklank* publicou um artigo sobre Renova. Após uma apresentação de página inteira, a jornalista S. van der Laan expressou suas impressões numa reportagem intitulada: “Um dia entre história e religião”.

“[...] Após o almoço o tempo estava nublado, e eu me perguntei se deveria voltar para casa ou prosseguir.

CAMPO DE TRABALHO EM AÇÃO...



Porém, já por duas vezes, no mesmo dia, a idéia de ir até os rosacruzistas havia se imposto a mim como uma força mágica de atração. Toda suada, chego diante do Templo de Renova, em Bilthoven. Infelizmente, tarde demais. Na entrada, três senhores me dizem que a última reunião está prestes a terminar. Ao mesmo tempo, me parece que uma simples visita seria um tipo de sacrilégio. Mas eis que a magia funciona: quando resolvo contentar-me com uma simples visita ao núcleo e à biblioteca, de repente a porta do templo se abre e me vejo, com meu acompanhante, sentada na primeira fila. O imenso salão circular possui grandes janelas e está inundado de luz. No centro do salão há uma fonte com uma rosa simbólica, de onde jorra água, ressoando no silêncio seu doce murmúrio... O caminho de retorno através do belo parque de Renova traz uma paz salutar no fim desse dia de visita do patrimônio religioso”.

Por sua vez, o jornalista J. Oomkens, autor de um artigo intitulado “Os rosacruzistas em Haarlem”, escreve para o *Haarlems Dagblad* (Diário de Haarlem) um artigo acerca desse “Dia de

portas abertas”, realizado no sábado, 10 de setembro, onde ele apresenta uma entrevista com dois colaboradores da Direção, com o seguinte título: “Aqueles que nos procuram nos encontram”:

“Os rosacruzistas vêm a cruz por um ângulo totalmente diferente da maioria dos cristãos. Não devemos nos esquecer que essa Escola, que se diz ‘cristocêntrica’, foi reconhecida pelo Estado holandês como Igreja oficial [...] ‘O dogmatismo religioso enfatizou o sofrimento: em tempos passados, em cada sala de aula, as crianças deviam olhar para um Cristo pregado na cruz, embora a mensagem do cristianismo explique ao ser humano a possibilidade de tornar-se novamente filho de Deus e de se libertar da ignorância, que é o grande sofrimento deste mundo. Nós vemos justamente as possibilidades de um florescer dessa centelha divina em cada ser humano’. No sábado, os amantes da arquitetura, ou os simples curiosos, puderam, após o meio-dia, fazer uma visita ao conjunto de prédios da Bakenessergracht e da Zaksstraat, bem como ouvir as curtas introduções à doutrina dos rosacru-



CAMPO DE TRABALHO EM AÇÃO...

zes de Haarlem. Eles se consagraram com amor e perseverança ao aprofundamento daquilo a que denominam Gnosis e aos antiquíssimos conhecimentos esotéricos. Tudo isso desconcertou os alemães entre 1940 e 1945, durante a ocupação, de modo que as reuniões no Templo foram proibidas. Contudo, um pequeno grupo de alunos permaneceu fiel. Algumas pessoas que precisavam permanecer escondidas encontraram abrigo nesse lugar”.

Nesse sábado, mais de quinhentos interessados se dirigiram ao Centro J. van Rijckenborgh, em Haarlem, e mais de duzentas pessoas visitaram o Centro de Renova. A impressão de muitos colaboradores foi a de que não se tratava apenas de arquitetura e de história, diante da emoção de certos visitantes dos Templos.

ZURIQUE, SUÍÇA

Após anos de trabalho intenso realizado pelos irmãos e irmãs mais antigos, o núcleo localizado no número 60 da Kreuzstrasse foi inaugurado em 1960 pelos grão-mestres.

Assim, veio à existência o primeiro

foco do campo de trabalho suíço que, nos anos seguintes, cumpriu uma importante função. Foi ali que se realizaram todas as Conferências de Renovação até 1978. Depois de quarenta anos de atividades, o núcleo havia se tornado muito pequeno. Também fazia falta uma sala de silêncio e uma outra para o trabalho público. Foi então que, na primavera de 2004, partiu-se em busca de um novo local. Ora, descobriu-se então, “por acaso”, que os escritórios na parte superior estavam vagos. Os alunos agarraram com ambas as mãos a oportunidade de ampliar o atual núcleo, muito bem situado em Zurique.

Os trabalhos de organização começaram no verão de 2004 com a participação de muitos alunos. Paredes foram lixadas, portas retiradas e substituídas por novas. As paredes divisórias entre o antigo consistório e a sala de silêncio foram demolidas e substituídas por uma sustentação provisória. A colocação de uma viga de aço de quinhentos quilos representou um episódio palpitante, e não nos tranquilizamos até vê-la sustentando o teto. Em seguida procedeu-se à instalação da escada que dá acesso ao andar superior. Como é pos-

Zurique, Suíça.



sível não pensarmos sobre essas atividades e compará-las com o desenvolvimento do aluno?

Em outubro de 2005, os alunos de Zurique tiveram a alegria de ver os trabalhos chegarem ao fim com o acabamento da entrada principal do núcleo.

Após cinquenta anos de atividade, a força-luz da Escola da Rosacruz amplificou-se. Isso transparece no plano material quando vemos hoje o amplo e moderno núcleo de Zurique. O Templo é agora utilizado somente para os serviços. A sala de silêncio oferece aos alunos a possibilidade de se prepararem e de se concentrarem.

TURIM, ITÁLIA

O novo núcleo de Turim, inaugurado em 5 de fevereiro de 2005, está num local calmo (mais ou menos a 20 minutos do centro da cidade), nas colinas que cercam a cidade. A oficina templária tem lugar para cerca de 120 pessoas. O inteiro conjunto é bonito e espaçoso.

EDSHULT, SUÉCIA

Conferências do Lectorium e

conferências da Mocidade. Durante mais de meio século essas reuniões foram realizadas separadamente. As conferências do Lectorium são voltadas para personalidades adultas que se decidiram conscientemente a seguir a senda da renovação, e as da Mocidade são voltadas para os jovens que já possuem um certo “conhecimento vivente”. Essas conferências têm uma expressão e uma atmosfera próprias, de acordo com a abertura natural da criança ao chamado da rosa, a nova alma latente no coração.

Desde 2004 são organizadas, de tempos em tempos, conferências para adultos e jovens em conjunto. A razão disso foi o tamanho do grupo escandinavo e as longas distâncias a serem percorridas. Essas conferências mostram-se renovadoras pelo fato de jovens e adultos aprenderem a se conhecer mutuamente; não apenas de maneira formal, mas também graças aos serviços especialmente redigidos em conjunto e aos momentos compartilhados ao redor da fogueira no acampamento, onde assam pãezinhos, surgindo daí um sentimento de profunda unidade.



DUSSELDORF, ALEMANHA

Um novo núcleo foi inaugurado em 17 de abril de 2005. O número de alunos passou de 60 para 140, por conseguinte, o antigo núcleo utilizado para serviços durante dezesseis anos tornou-se muito pequeno. Em um ano, numa área de 500m² foi organizado um conjunto de espaços amplos e atraentes. Essa transformação realizou-se graças ao ardor laborioso dos jovens e dos adultos, e graças à ajuda constante de outros núcleos. As condições financeiras favoráveis permitiram, igualmente, a utilização de profissionais. A inauguração do núcleo serviu de ocasião para organizar um dia de “Portas abertas”, que recebeu a visita de sessenta interessados.

DORTMUND

Desde maio de 2004, o lugar consagrado de serviço em Dortmund foi utilizado para cursos e reuniões internas. Após setembro de 2004, ele passou também a ser utilizado para os serviços de quartas-feiras.

Em 24 de agosto de 2005 aconteceu o primeiro serviço para cinquenta

alunos e interessados. Próximo a Dortmund vivem aproximadamente trinta e cinco alunos e uns quinze membros. O núcleo tem por finalidade servir as regiões de Ruhr e de Sauerland (Lündenscheid) ao sul, e Hamm e Soest ao leste.

VIENA, ÁUSTRIA

Também na capital austríaca o número de alunos aumentou tanto que foi necessário procurar um novo prédio. Este foi encontrado no centro da cidade, na rua Phorus. “Phorus” é um personagem lendário, um barqueiro com força hercúlea que atravessava os viajantes de uma margem à outra de um grande rio. Um dia, ele ouviu uma criança chamá-lo e pedir-lhe com uma voz suave que o ajudasse a atravessar até a outra margem. Phorus, orgulhoso pelo fato de poder auxiliar uma criança, colocou-a sobre seus ombros com toda sua força. Mas, à medida em que fendia as águas, a criança ficava cada vez mais pesada, de modo que os dois começaram a ser arrastados pela correnteza, e por pouco não se afogaram. Terminada sua tarefa, Phorus perguntou à criança a razão de peso

Dusseldorf,
Dortmund,
Alemanha.



tão súbito. A criança respondeu: ‘Eu sou o Cristo e carrego sobre os ombros o peso do mundo’. Depois disso, o barqueiro passou a chamar-se Cristo-Phorus (Cristóvão), aquele que carrega o Cristo”.

GRAZ

Na manhã da consagração do núcleo de Viena, um grande núcleo foi, por sua vez, consagrado em Graz. Os locais existentes tinham se tornado insuficientes e deviam ser retomados por um laboratório farmacêutico. O proprietário do local, deplorando tal eventualidade, propôs construir um andar suplementar. O recurso de um módulo de habitação abreviou a duração dos trabalhos. Os alunos de Graz dispõem agora de um conjunto de espaços amplos e ensolarados, que correspondem perfeitamente às exigências da Escola Espiritual.

DEBRECEN, HUNGRIA

Um Templo foi ali inaugurado. Debrecen é uma das maiores e mais antigas cidades da Hungria, situada a 200 km a leste de Budapeste. Desde

1538 ela encerra no interior de seus muros uma universidade.

AMÉRICA DO SUL

Montevidéu (Uruguai) e Buenos Aires (Argentina). Dois núcleos foram inaugurados nesses países em junho de 2005: na quinta-feira, 23 de junho, em Montevidéu e no sábado, 25 de junho, em Buenos Aires.

BRASIL

Conferência do grupo de Jovens Alunos em Fortaleza e em Renova. Vindos do norte, do sul e do centro de nosso imenso país, os jovens alunos brasileiros percorreram longas distâncias a fim de se reunirem em sua Conferência de verão. Essa conferência coincidiu com a conferência européia dos Jovens Alunos em Renova; por conseguinte, não foi possível, desta vez, a presença de uma delegação européia em Fortaleza. Essa ausência, contudo, foi de certo modo compensada por uma conexão de vídeo projetada sobre uma grande tela nos refeitórios de Fortaleza e de Renova. A tecnologia contribuiu para a harmo-



CAMPO DE TRABALHO EM AÇÃO...

nia tanto externa como interna, bem como para a alegria de sabermos que, apesar dos milhares de quilômetros que nos separam, estávamos unidos num mesmo espírito e num mesmo trabalho.

Um novo boletim bimestral apresenta as novidades do campo de trabalho brasileiro: *Nova Luz*, cuja primeira edição data de março-abril de 2005. A mais recente edição tinha por tema as numerosas atividades do “Grupo de Jovens Alunos”. *Nova Luz* é um boletim redigido em linguagem moderna e agradável, e sempre começa com uma introdução da Direção Nacional. Além disso, as diferentes atividades através do país são sempre ilustradas com fotos coloridas.

A ESCOLA JAN VAN RIJCKENBORGH EM HILVERSUM

No dia 7 de outubro de 2005, foi festejada a inauguração de uma nova ala da Escola Jan van Rijckenborgh. O discurso inaugural apresentou o conceito inicial das Escolas Jan van Rijckenborgh: “A Escola Jan van Rijckenborgh tem como meta criar condições de instrução e de aprendi-

zagem que favoreçam o crescimento da alma, através do desenvolvimento do respeito mútuo e de harmoniosa colaboração do coração, da cabeça e das mãos. Esta é a nossa visão. Examinemos esses dados mais de perto: o crescimento da alma. O que é isso? A aspiração da alma não é estranha a esta questão. A alma, com seu núcleo divino e imortal, que reside no coração, se dirige ao homem. É preciso que ele ouça essa voz e se volte para seu coração, para a fonte de onde ela provém. As crianças nascem com uma alma que possui um núcleo divino, um princípio eterno. A voz da alma emana desse núcleo que denominamos botão de rosa. Pouco importa se cremos nisso ou não: a criança é capaz de perceber essa voz. A criança vê, ouve, sente as coisas de modo diferente de um adulto, ela é tocada pela verdade. Ela conhece a profunda aspiração que algumas vezes ainda experimentamos com a leitura de contos ou por ocasião de um trabalho em conjunto. Sem dúvida, vós também a sentis naquilo que definis como amor. O amor: quem desejaria privar seu filho, ou uma criança, do amor? Todos nós desejamos ser uma fonte dele para

Escola J. van
Rijckenborgh,
Hilversum.

Cartaz para
anúncio do
Simpósio,
Zurique, Suíça.



nossos filhos. O amor provém do coração. Ele é o campo dourado da nossa bandeira. O amor é a base de nosso ensinamento. Fazemos o possível para nos aproximar do objetivo de nossa vida quando, em nossas atividades, respondemos ao mandamento do amor”.

Em seguida, a alocução mencionou as reformas realizadas totalmente neste espírito: “Estamos cômicos de que aqui sucedeu algo muito particular, alguma coisa na qual estaremos cotidianamente envolvidos, alguma coisa que se firmou com a unidade de grupo, com a orientação comum, a harmonia e a ausência de luta, algo que nos faz experimentar o amor diariamente”.

Fazemos votos para que essa ala acrescentada ao prédio contribua para a realização da vocação da Escola Jan van Rijckenborgh.

SIMPÓSIOS

Em diferentes lugares do grande campo de trabalho gnóstico, o Lectorium Rosicrucianum organiza encontros, ou simpósios, no decorrer dos quais um tema é apresentado e debatido. Nesses momentos, os interessados

entram em contato com os conceitos que fundamentam o trabalho da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea.

Voltando um pouco no tempo, em 14 de novembro de 2004, foi realizado em Zurique um simpósio dedicado a Paracelso. Nessa ocasião, foram apresentados os quatro pilares da sua medicina. Foram abordados assuntos como a autonomia do indivíduo, a natureza ou essência profunda do ser humano e as situações difíceis em que vive a alma.

A seguir, citamos um extrato do convite: “[...] Sua missão não foi tão-somente possibilitar um renascimento interior, um renascimento da alma, mas também mostrar-nos o caminho e guiar-nos”. Suas concepções provinhavam, em linha direta, da filosofia hermética, como o testemunham as linhas seguintes: “É preciso compreender que não existe nada no céu nem na terra que não esteja presente no homem. As energias celestes nele se exprimem. O que é o céu senão o homem? Devemos possuir interiormente aquilo que queremos ter”.

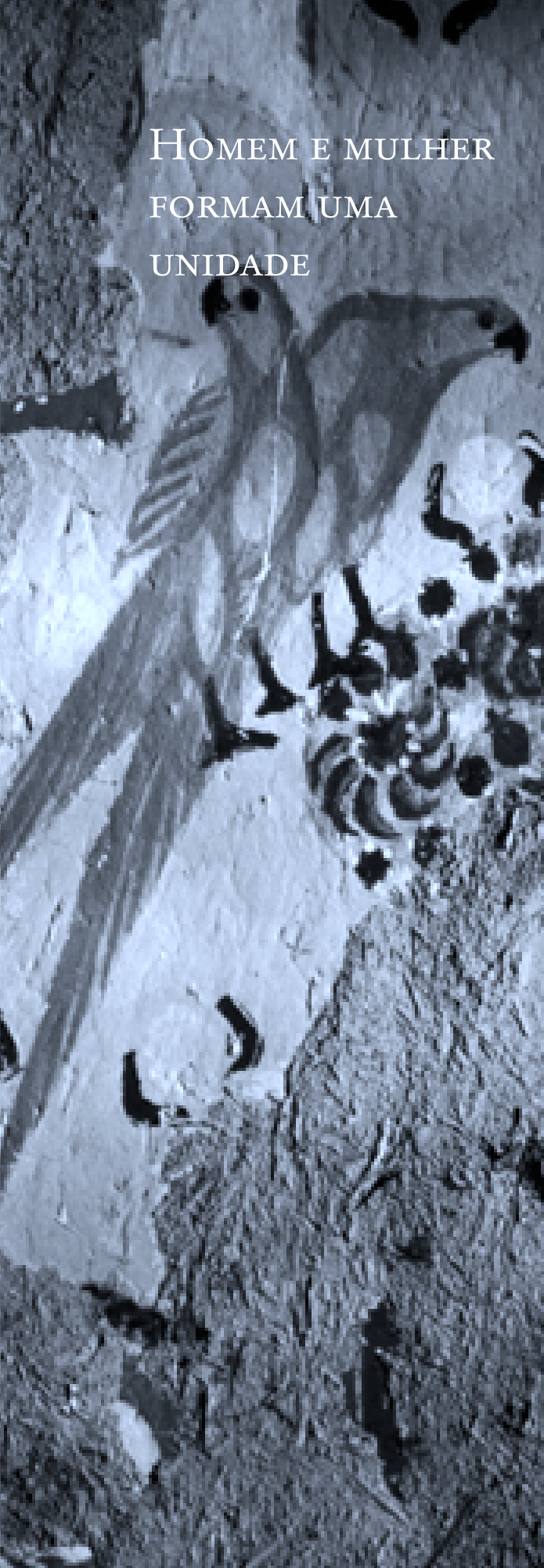
No dia 7 de maio de 2005 realizou-se em Renova, Holanda, o dia consagrado ao tema: “Mani, o dom da Luz”. Um artigo da revista Pentagrama número 4 de 2005 foi consagrado a esse tema.

Em 23 de outubro realizou-se um outro simpósio em Zurique, Suíça, intitulado: “Mani, tesouro da Luz”.

O místico alemão Karl von Eckartshausen, escritor e pensador, foi a figura central do simpósio organizado em Renova em 14 de novembro de 2005.

Todos esses dias foram objeto de interesse considerável. As diferentes alocuções foram reunidas e editadas pela Rozekruis Pers, dando assim um impulso extra à radiação desses encontros.

Segundo uma
lenda budista do
reino de Kutscha,
as andorinhas
falavam e eram
chamadas de
“pássaros sagrados
da religião
ocidental”.



HOMEM E MULHER FORMAM UMA UNIDADE

Pouco tempo atrás, o Centro Internacional do Lectorium Rosicrucianum em Haarlem, Holanda, passou por uma reforma total. Após a compra de algumas casas vizinhas, o que há tempos era previsto, eleva-se agora um conjunto que condiz perfeitamente com o que a moderna Escola Espiritual da Rosacruz Áurea almeja e propaga. Em vista disso, o Templo principal J. van Rijckenborgh encontra-se agora num lugar digno dele.

Nessa ocasião iniciou-se uma nova atividade: Dias de Conferência, de alcance nacional. Certos temas tirados da obra de J. van Rijckenborgh foram abordados nessas conferências para os interessados.

Os três artigos seguintes são as alocuções proferidas no Dia de Conferência de 6 de fevereiro de 2005 no Centro J. van Rijckenborgh, intitulada “Homem e mulher formam uma unidade”. Dessa conferência participaram 250 pessoas.

Nos últimos cinquenta anos jamais se falou tanto, na história da humanidade, acerca das relações entre homem e mulher. Muitas reformas culturais, políticas e até mesmo científicas são o resultado disso. Contudo, a idéia de igualdade entre homem e mulher ainda não vai além de um pequeno passo para a questão fundamental: o verdadeiro destino dos seres humanos seria a união do homem e da mulher e a unificação de ambos com Deus? Sobre isso J. van Rijckenborgh escreveu: “Nos dois sexos se exprime a elevada vocação do ser humano e neles reside o espírito divino. É necessário que os dois trabalhem em conjunto, com os mesmos direitos. Seu trabalho no mundo somente pode se desenvolver convenientemente se os dois, homem e mulher, se conscientizarem de sua dependência mútua a fim de poder constituir para a humanidade uma nova e verdadeira casa da humanidade”.

No Templo da Rosacruz acontece, muitas vezes, de termos pensamentos inopinados sobre o ser humano e a natureza humana; sobre o objetivo da existência que nem todos consideram da mesma maneira, ou sobre a igualdade entre homens e mulheres. Serão eles, de fato, iguais? Podemos considerar que suas diferenças são forças complementares que se sustentam mutuamente e que nos podem fazer alcançar a verdadeira felicidade humana.

O homem e a mulher constituem, cada um de per si, uma metade do gênero humano que povoa a terra. Essa situação não é das mais felizes e com frequência se revela muito distante do ideal. Contudo, essas duas metades opostas se procuram mutuamente. No melhor dos casos, isso acontece com amor e harmonia. Porém, frequentemente vemo-las se opor com violência, irritação e desarmonia. Essas duas metades não podem existir uma sem a outra, mas ao mesmo tempo elas dificilmente conseguem viver juntas.

Não afirmamos aqui nada de novo. Não é nada benéfico que a mulher se comporte como o homem nem que o homem se comporte como a mulher. Por outro lado, a submissão da mulher ao homem não engendra a paz. As sociedades matriarcais não são mais vantajosas que as patriarcais e vice-versa. A mulher

é sempre mulher, o homem, sempre homem: ambos são seres humanos. Muito se tem escrito e falado acerca da separação dos sexos, do hermafroditismo: o homem andrógino que integra em si os dois sexos e que também é autocriador. Lançando um pouco de luz sobre essas questões e voltando à origem, emitiremos conceitos novos, sem dúvida surpreendentes ou inquietantes para vós. Contudo, por vossa vez, deveis mostrar-vos bastante receptivos a fim de serdes beneficiados com a compreensão desses assuntos.

MAS, POR QUE PENSAMOS EM TUDO ISSO?

Sugerimos não considerardes unicamente com vosso mental, com vosso intelecto, nossos conceitos relativos ao homem e à mulher, pois as idéias interessantes da sabedoria universal sobre esse assunto estão associadas às de pureza e perfeição. Por outras palavras, queremos convidar-vos para esse puro domínio onde reinavam, e sempre reinam, a unidade bem como o amor absoluto e a radiante verdade.

Não penseis que esse puro domínio vos seja desconhecido. Não, vós o conheceis, provindes dele, tendes uma vaga lembrança dele, ele está inscrito em vós, ele está ligado a vós desde a origem. Aliás, sem essa unidade, o homem e a criação se desintegrariam. Chamamos vossa atenção

para a origem da criação. Nos primeiros séculos do cristianismo, refletia-se intensamente sobre isso, e os gnósticos emitiram muitas idéias sobre o assunto, idéias às quais somos ainda sensíveis no mais profundo de nós mesmos. Para eles, a vida começa por “um silêncio e uma profundidade, uma calma e um movimento”. Dessa profundidade surge a palavra da criação que, certamente, não desconheceis: “Haja luz. E houve luz”. E logo a seguir: “Criou, pois, Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou”. Esta é a autêntica imagem da criação, altamente sublime, inacessível.

Nada é dito além disto: Deus criou o ser humano, homem e mulher. Esta primeira imagem precede a queda do homem; os gnósticos chamavam-no de “mônada” em relação com o “pleroma”, a plenitude do começo original, o começo do cosmo, o homem como díade cósmica, o ser humano, homem-mulher.

A IMAGEM GRAVADA EM VÓS E EM MIM

Esqueci a imagem que tendes de vós mesmos. Voltai, em pensamento, aos tempos de vossa infância, antes de serdes um rapaz ou uma moça. Éreis tão-somente uma criança que brincava e se entediava com outras crianças: trata-se aqui da igualdade sobre a qual desejamos falar hoje; da unidade, da pureza, da ligação direta com um domínio de uma grande força espiritual.

No final de Fausto*, sua obra prima, Goethe resume seu conceito de mundo da seguinte maneira:

- “Tudo muda e tudo permanece igual,

- mas, não obstante, o que de fato nos falta,
- o inexprimível, se revela:
- a atração para o eterno feminino”.

Poderíamos também falar de “atração para o eterno masculino”. O ser do homem e da mulher possui três atributos sublimes: luz, vida e amor. A luz vem de Deus. A luz é a vida, segundo o prólogo do Evangelho de João. O amor é Deus mesmo manifestado no ser humano. “Ninguém jamais viu a Deus”, declara a sabedoria universal. Porém, há um segredo ainda maior... Deus mesmo era visível em seu reflexo divino: o homem antes de sua queda (razão pela qual falamos de imagem). Deus é amor, a autêntica força espiritual vital que é uma e que se reflete no recôndito do coração dos seres humanos, o ser masculino cósmico e o ser feminino cósmico. Tal é a imagem gravada em vós e em mim, uma imagem puramente espiritual, que data de antes da queda humana, a imagem da perfeição divina, criadora, gloriosa, inacessível, não corrompida, perfeita, da qual todos aguardam a realização.

“A única verdade é o ser”, diz Ficino, “dito de outro modo, a luz do Único, que é Deus. Assim o ser humano, nas profundezas de si mesmo, é incitado a venerar essa força divina mais que a tudo neste mundo. Ele se esforça para chegar a essa luz após ter abandonado sua antiga natureza. Isso é evidente quando o amante, não satisfeito com a visão e o contato do ser amado, clama incessantemente: ‘Que coisa é esta que me transformou por inteiro em fogo, em flama? Não compreendo o que quero.’ A alma parece aqui inflamada por um fogo divino que se



reflete na forma humana como que num espelho; e essa luz atrai a alma para o alto por meio de uma influência secreta irresistível, até o momento em que ela mesma se torna Deus”.

Seria esse o sentimento de solidão fundamental que tão bem conhecemos e do qual tentamos fugir entregando-nos a todo tipo de atividades exteriores a fim de resolver a questão? Acaso as decepções não são legiões? Por que? Será porque a alma tem consciência de sua insuficiência e abandono? Mas por que ela teria esse sentimento? Uma possível resposta para estas perguntas pode ser encontrada no segundo capítulo do Gênese, versículos 6-7: “Um vapor, porém, subia da terra, e regava toda a face da terra. E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida; e o homem passou a ser alma vivente”.

O cosmo tornou-se o seu campo de trabalho: “Mas um vapor subia da terra...”

Um segundo mito da criação, tão maravilhoso quanto o anterior, relata que Adão [o nome que é dado no capítulo 2 à humanidade, homem e mulher] adormece. “E disse o senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma ajudadora idônea para ele [...] Então o senhor Deus fez cair um sono pesado sobre Adão, e este adormeceu; e tomou uma das suas costelas, e cerrou a carne em seu lugar [...] E da costela que o Senhor Deus tomou do homem, formou uma mulher [...] E disse Adão: “Esta é agora osso dos meus ossos, e carne de minha carne; ela será chamada mulher [...] Portanto deixará o homem o seu pai e a sua mãe, e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne” (Gênesis 2:21-24).

Sabeis o que a história e as religiões relatam a respeito das práticas dogmáticas daqueles que se intitulam rabinos, imãs, pastores, sacerdotes... Não precisamos ir mais longe, pois tal coisa é inadmissível para quem adquiriu a liberdade de pensar; ele já não participa desse jogo. A verdadeira liberdade exige a liberdade dos demais, sejam eles de que raça ou natureza for. A humanidade tem apenas um desígnio: a rejeição de suas cadeias e a autêntica liberdade do espírito. Somente a ausência de luta pode engendrar o amor. Ora, o amor nos faz atingir dimensões divinas e compreender que Deus é amor. Deus é igualmente liberdade perfeita, ele se reflete na sublime realização do homem livre, o homem que toma suas próprias decisões em total liberdade e conhecimento de causa.

A SOPHIA

As comunidades cristãs primitivas conheciam evidentemente essas passagens da Bíblia, pois elas datam de milênios, porém viam nelas uma realidade muito mais profunda. Existem numerosos relatos gnósticos da criação. No *Livro secreto de João*, é o demiurgo (isto é, um segundo criador) e não o verdadeiro Deus que obscurece e adormece o espírito de Adão. E são os arcontes (as forças espirituais do segundo criador) que adormecem Adão, isto é, fazem-no cair na ignorância. Adão, a humanidade inteira, esquece então sua origem divina. Mas, nesse sono, a libertação continua próxima. A sabedoria gnóstica ensina que a Sophia desperta a consciência humana. Ela lhe envia seu mensageiro, que ergue o véu que recobre sua razão e a tira de

Parte de um caminho de montanha secular do antigo Turquestão.

sua embriagues provocada pelas trevas da ignorância:

“E a mulher espiritual veio a ele e lhe disse: Adão, levanta-te! E logo ele respondeu: Tu és aquela que me deu a vida, tu serás chamada mãe dos viventes – Eva – pois é ela a minha mãe, a que cura, a que faz nascer.” Vemos aqui a grande diferença do Gênesis onde nenhuma menção é feita acerca do despertar de Adão. Essa mulher dos gnósticos é a Eva espiritual, também vida-Eva, denominada “Epinoia da Luz” no *Livro secreto de João*. Ela é a “instrutora da vida”, no mesmo plano que o Adão de luz, a entidade humana homem-mulher. Ela o ensina a assimilar o conhecimento para que ele possa lembrar-se do Pleroma, pois sem a plenitude do princípio primordial, a Gnosis, ambos estariam mortos, sem vida real. Todos os que se deixam ensinar pela Sophia descobrem que para Deus não há diferença alguma entre homem e mulher. Deus mesmo é Pai-Mãe.

“Todos temos necessidade da Sophia”, escreve J. van Rijkensborgh, que explica a má tradução que há tempos vem causando a incompreensão do mito da criação. Segundo ele, dever-se-ia traduzir: “Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma ajudadora que esteja diante dele”. Adão, a humanidade, reconhece o Universo em seu novo meio, porém ele busca a ajudadora para apreender a imensidade da criação segundo a ordem divina. É preciso que ele aprenda a conhecer sua “ajudadora”. No texto original estava “reflexo”. Mas os tradutores da Bíblia, não sabendo o que fazer com a palavra “reflexo” substituíram-na pela palavra “ajudadora”, sem se aperceberem que a palavra “reflexo”

era a palavra correta para exprimir o que era intencionado.

O ser humano deve, por fim, ver, experimentar seu “reflexo”. Ele deve compreender que tanto o homem como a mulher são necessários para ingressar de novo na ordem cósmica da única vida solar espiritual. O espírito deve nascer em cada coração humano e preencher o microcosmo inteiro. Este é o aspecto feminino. Mas esse mundo do vir a ser universal não é compreendido se a cabeça não reconhece a nova força vital. Esse é o aspecto masculino: inflamar um fogo luminoso nesse nascimento glorioso do campo do espírito. Essas duas correntes atuam juntas pela eternidade.

* Fausto II, 5º ato.

O MITO DA CRIAÇÃO SEGUNDO O *CORPUS HERMETICUM*

Se fizermos um balanço do domínio humano sobre o mundo, este não nos parecerá dos melhores: superpopulação, fome, desaparecimento de numerosas espécies do reino animal e vegetal, bem como poluição da atmosfera. Os seres humanos não vivem em harmonia entre si nem com a criação. Certamente não podem ser vistos como tendo sido feitos à imagem de Deus, não compreendem o verdadeiro significado do ser humano como homem-mulher, nem o desenvolvimento do verdadeiro ser humano.

Esta é a razão pela qual queremos nos aprofundar neste assunto que, se ignorado, provoca grandes sofrimentos. Nos primeiros séculos de nossa era, Hermes, tal como os textos bíblicos, afirma que o desconhecimento de Deus é o maior mal dos homens. O primeiro tratado do *Corpus Hermeticum* fala sobre a história da criação. Citamos dele um extrato que corresponde ao relato bíblico do Gênesis, mas que dá uma explicação mais profunda da missão dos seres humanos:

“O Espírito, o Pai de todos os seres, que é vida e luz, produziu um homem semelhante a Ele, Pai, e por quem se inflamou de amor, como sendo o seu próprio filho. Pois o homem, como imagem de seu Pai, era belíssimo; Deus amou assim, em verdade, a Sua própria imagem e entregou-lhe todas as Suas obras. [...] E o homem, feito de vida e de luz, trans-

formou-se em alma e em Nous; a vida passou a ser alma, a luz passou a ser Nous. [...] Então Deus pronunciou o dito sagrado: “Crescei e aumentai, multiplicai-vos abundantemente, todos vós que fostes criados. E que aqueles que possuem o Nous reconheçam-se como seres imortais e saibam que a causa da morte é o amor ao corpo e a tudo o que é terreno.”

AMOR OU PROJEÇÃO?

Este texto de Hermes nos mostra que a separação dos sexos tem por finalidade fazer-nos conhecer “todos os seres”, a criação inteira, e compreender que, aprisionados à vida e ao amor terrenos, conhecemos a morte em vez da imortalidade.

Quem quer que intua algo do amor absoluto, a origem de toda a vida, busca sua plenitude nesta a terra; contudo, ele projeta aqui um ideal que parceiro algum poderá satisfazer. Nenhum homem ou nenhuma mulher desta natureza pode proporcionar o amor verdadeiro. A força da atração física e sutil entre homem e mulher, com base em sua polarização inversa, pode, certamente, resultar numa relação harmoniosa. Contudo, nosso anseio original por harmonia, por unidade e por amor permanece sempre. Esse anseio tem sua origem na solidão que resulta de nossa separação do mundo espiritual, do mundo de nossa origem. Mas, o que é o amor verdadeiro? – perguntareis. Hermes



diz que ele é o Pai de todas as coisas, o Espírito, que é vida e luz e que “criou o homem à sua imagem”. A origem e o destino do ser humano permanecem ocultas no mais profundo dele mesmo sob a forma de matriz espiritual.

A DÍADE CÓSMICA

A igualdade do homem e da mulher, tanto no sentido espiritual como moral, não é colocada em dúvida pelos alunos da Rosacruz Áurea. Para eles, isso é algo evidente. As diferenças entre ambos provêm dos arquétipos, das matrizes espirituais que são a base da manifestação e que se diferenciam no homem e na mulher. Vemos, portanto, uma criação divina, o homem, e uma criação divina, a mulher, que, juntos, constituem

os dois aspectos da onda de vida humana. A meta do ser humano, tanto do homem quanto da mulher, é tornar-se um ser humano verdadeiro. Isso apenas ocorrerá se aprendermos a corresponder à vocação do homem e da mulher e, sobretudo, se estabelecermos a justa colaboração entre eles.

Como isso é possível? Vamos explicá-lo com o auxílio do seguinte esquema. O ensinamento universal de todos os tempos nos indica que o ser humano, além do aspecto que é seu corpo físico, possui ainda outros aspectos que qualificaremos de corpos sutis. Esses diferentes aspectos são necessários para poder-se atuar em certos domínios. Sem o corpo físico, por exemplo, a manifestação no mundo material não seria possível, e sem os corpos sutis seria impossível a manifestação nas tênues esferas dos

Dois cavaleiros montados, afresco da gruta 14 em Kutscha.

domínios etérico, astral e mental. Cada um desses aspectos apresenta dois pólos: um positivo e outro negativo, através dos quais é realizado um certo trabalho. Os qualificativos, positivo e negativo, não representam, neste contexto, nenhum julgamento: positivo quer dizer criador, dinâmico, radiante, e negativo significa receptor, realizador, produtor.

Portanto, o homem dispõe:

- de um corpo material polarizado positivamente,
- de um corpo etérico, ou corpo vital, polarizado negativamente,
- de um corpo de desejos, ou corpo astral, polarizado positivamente,
- de uma faculdade mental polarizada negativamente.

Já a mulher dispõe inversamente:

- de um corpo material polarizado negativamente,
- de um corpo etérico polarizado positivamente,
- de um corpo astral polarizado negativamente,
- de uma faculdade mental polarizada positivamente.

Por esse esquema podereis reconhecer que no corpo material do homem primeiro se expressa o pólo positivo, que se torna ativo em primeiro lugar, enquanto em segundo lugar atua o pólo negativo. Em seu corpo vital ocorre justamente o contrário, e no corpo de desejos as polaridades são semelhantes às do corpo material. A faculdade mental, por sua vez, tem as mesmas polaridades do corpo vital. No que concerne ao corpo da mulher ocorre justamente o oposto. Na mulher o pólo positivo do corpo material é secundário, e o pólo negativo, primário. No corpo vital ocorre o oposto. A polarização do

corpo de desejos é análoga à do corpo material, e a da faculdade de pensamento é igual à polarização do corpo vital. Um exame objetivo e claro do homem e da mulher o confirmará. O homem é, em tudo, o reflexo inverso da mulher e vice-versa.

Disso resulta que se o homem e a mulher desejam aprender da maneira correta a conhecer e controlar as esferas material, etérica, astral e mental em sua totalidade, eles terão de aprender a colaborar em perfeita unidade, como uma díade cósmica. Portanto, o homem que apenas conhece as forças *positivas* do mundo material deve aprender a governar as forças *negativas*, e isso ele somente pode fazer em colaboração com a mulher. Para a mulher, é o contrário. Nas esferas sutis, dá-se o mesmo. O corpo etérico negativo do homem necessita do corpo etérico positivo da mulher para poder sondar as forças da esfera etérica. A polaridade inversa equivalente é, pois, a base de uma colaboração harmoniosa livre e espontânea. Ela é também a base de um desenvolvimento poderoso, de uma manifestação grandiosa. Assim é possível dizer que o homem será primeiro tocado pelo influxo divino no cérebro enquanto que a mulher o será no coração. Por conseguinte, o homem e a mulher devem compreender que maravilhoso presente divino receberam através dessa díade cósmica.

Com base nessa compreensão, se os diferentes poderes de ambos os sexos forem capazes de cooperar mais ou menos harmoniosamente no plano natural, daí resultará uma felicidade que será como uma preparação e um encorajamento na senda de libertação. Quem, porém, quiser alcançar isso com seu ego ver-se-á cada vez mais em conflito consigo mesmo e com o

mundo exterior, ao passo que quem compreende o plano divino para o mundo e a humanidade se encontrará, desde agora – não após a morte, mas nesta vida – no caminho da realização espiritual.

O REINO DE DEUS

No caminho de ligação da alma-espírito com o campo de vida original, o verdadeiro amor é recebido e liberado. O amor natural e o amor mais elevado se completarão sem, contudo, se misturarem. Até que a força da nova alma que gera o amor oniabarcante sustentador e permanente tenha neutralizado o impulso para a auto-afirmação e arqui-instinto de poder, prestígio e posse.

Isso explica o fato de Jesus ter dito de forma simbólica:

“Quando fizerdes do dois um e quando fizerdes o mais interior como o mais exterior, o mais exterior como o mais interior, o acima como o embaixo, e quando fizerdes do masculino e do feminino uma só coisa de forma que o homem não seja mais homem nem a mulher seja mais mulher, e quando formardes outros olhos em lugar de um olho, outra mão em lugar de uma mão, outro pé em lugar de um pé e outra imagem em lugar de uma imagem, então, entrareis (no Reino).”*

HOMEM E MULHER SÃO UM

Que quer Jesus dizer com: quando fizerdes com que o masculino e o feminino formem apenas um, de modo que o homem já não seja homem e que a mulher já não seja mulher? Isso significa de fato que todos são metade de um ser, significa que o Criador nos criou homem e mulher apenas por causa da manutenção da onda de vida

humana? Que em determinado momento a separação dos sexos será eliminada? Com certeza não. É Hermes que responde a essa pergunta no transcorrer de seu diálogo com Asclépio: “Eis porque, Asclépio, o ser humano é uma grande maravilha, um ser digno de respeito e consideração. Ele participa da natureza de Deus, como se ele mesmo fosse um deus. Ele é de descendência espiritual porque sabe que é de origem divina. Ele despreza em si a parte da natureza demasiado humana e confia naquela parte divina nele [...] Ele glorifica e agradece a Deus e venera sua imagem, o cosmo, tendo plena consciência de que é portador da imagem de Deus, embora de maneira indireta. Pois, Deus possui duas imagens: o cosmo e o homem. Segue-se daí que o ser humano, como unidade é, por um lado, alma e espírito, possuindo uma inteligência e uma intuição constituídas por elementos superiores; por isso ele é divino e se eleva ao céu. Por outro lado, como mortal, formado de terra, água, fogo e ar, ele é de natureza material e tem os dois pés sobre a terra, a fim de realizar todas as tarefas confiadas a seu cuidado”.

Se transcendermos a realidade material de nossa vida, tornar-nosemos verdadeiros seres humanos e, no verdadeiro sentido da palavra, seres criadores. Conforme as palavras de Hermes: “Que aquele que nesta vida possui o Espírito compreenda que é imortal”.

De acordo com o que foi dito acima, vemos que para realizar um tal caminho não temos necessidade de um parceiro. Podemos realizá-lo em grupo, e isso é o que a Escola da Rosacruz Áurea também afirma. Em primeiro lugar, ela forma uma morada espiritual dotada de uma força ativa

O beijo. Brancusi rompe aqui radicalmente com as representações românticas do homem e da mulher. Ele exprime a unidade, o equilíbrio entre os opostos e o amor da vida, “pois pela aproximação do verdadeiro significado das coisas chega-se, a despeito de si mesmo, à simplicidade”.



onde o aluno vive e atua para o crescimento do Outro nele: o homem celeste, imortal. A vocação do corpo físico é a de se constituir num edifício espiritual que não seja deste mundo. Os fundamentos desse edifício estão na terra santa, de onde provém a supranatureza. Por isso a casa espiritual forma um elo importante no tempo entre as duas naturezas, a

supranatureza e a natureza dialética. Acima de tudo isso está a meta única final, a transformação e transfiguração do ser humano e do microcosmo.

* *O evangelho de Tomé, logion 22.*

O RESULTADO ALQUÍMICO

Quem conhece sua força masculina e, entretanto, conserva sua mansidão feminina é o vale do reino.

Como ele é o vale do reino, a virtude constante não o abandonará, e ele retornará ao estado natural e descomplicado de uma criança.

Quem conhece sua luz e, entretanto, permanece na sombra é um exemplo para o reino.

Se ele é um exemplo para o reino, então a virtude constante nele não falhará e ele retornará ao infinito.

Quem conhece sua glória e permanece na desonra é o vale do reino.

Se ele é o vale do reino, nele a virtude constante alcançará a perfeição e ele retornará ao estado original.

(Tao Te King, cap. 28)

Nenhum artista jamais exprimiu com tanta sutileza a esfera particular entre o homem e a mulher como o fez Rembrandt, o mestre do claro-escuro. Retrato de um casal: A noiva judia, 1666, óleo sobre tela, Rijksmuseum, Amsterdã.

Quando a Bíblia afirma que o homem foi feito à imagem e semelhança de Deus, não deveis cometer o erro de pensar que se trata da personalidade nascida da natureza. O verdadeiro homem nascido de Deus é o microcosmo, a mônada. A personalidade é o instrumento desse homem, com cuja ajuda é possível uma aproximação com a essência da mônada, é possível conhecer e atingir seu objetivo e sua missão.

Quando ouvis dizer que o homem é uma entidade autocriadora e que sua missão é de auto-realização, compreendereis que é necessário aprender a considerar a forma humana aparente de uma maneira nova, de uma maneira completamente diferente daquela que o mundo está acostumado a ver. A personalidade humana manifesta-se no mundo como homem e como mulher; o fato de a natureza fundamental do homem e a da mulher serem totalmente diferentes tem acarretado muita confusão e tristeza no curso da marcha do mundo em direção ao seu nadir. Tem sido também a causa de uma forte ligação com a natureza.

O VERDADEIRO SIGNIFICADO DAS FORÇAS GÊMEAS

Desde o princípio o homem compreendia a necessidade de uma perfeita cooperação entre os dois sexos. Mas esta cooperação – sua essência, sua natureza e finalidade – tem sido, até os dias de hoje, compreendida e aplicada de maneiras diferentes. Uma colaboração verdadeiramente íntima, harmoniosa e de elevado nível jamais existiu, de fato, porque sua verdadeira natureza não foi compreendida. No ensinamento libertador gnóstico, a cooperação entre homem e mulher em um pé de perfeita igualdade foi sempre vista como algo evidente. Na magia gnóstica isso é uma exigência inelutável, pois, no fundo, nada de bom, nada de libertador pode ser feito se essa cooperação



não for perfeita.[...] A marcha ímpia da humanidade tem como causa a ignorância do verdadeiro significado dessas duas forças gêmeas da natureza humana. Duas forças, duas correntes que emanam da mônada, do microcosmo. Essas duas correntes são perfeitamente iguais quanto ao seu valor e

importância. No sentido comum, elas estão em mútua relação positivo-negativo, mas com polarização diferente entre as mônadas humanas. Consideradas de certo modo, todas as mônadas podem ser divididas em dois grandes grupos. Em um grupo, a primeira corrente da mônada está polari-

zada positivamente, no outro, é a segunda corrente que está polarizada de maneira positiva. Os dois grupos são, portanto, perfeitamente semelhantes e não obstante se distinguem claramente um do outro. Para designar essa semelhança na separação, servimo-nos da expressão “semelhante, porém invertida”, pois, trata-se de uma polarização “equivalente, porém, inversa” [...] As duas correntes monádicas se manifestam na matéria sob a forma masculina e a forma feminina. Como força positiva, como pólo positivo, é a força masculina que predomina em uma corrente, e a mansidão feminina na outra.

Desde o início do nadir, o homem compreendeu que era necessário haver uma perfeita cooperação entre as duas linhagens humanas. Todavia, essa cooperação – sua essência, sua natureza, seu objetivo – foi até hoje compreendida e aplicada de maneira muito diferente. No nadir, uma colaboração realmente estreita, harmoniosa e de alto nível jamais existiu, de fato, entre as duas linhagens, porque a verdadeira natureza dessa cooperação não foi compreendida [...] Na magia, a cooperação entre o homem e a mulher em pé de perfeita igualdade sempre foi reconhecida como natural. E na magia gnóstica, trata-se de uma exigência inelutável, pois, realmente, nada de bom, nada de libertador pode acontecer se essa cooperação não funcionar perfeitamente.

FORÇA E MANSIDÃO

Para evitar mal-entendidos, é preciso primeiro buscar uma explicação para o sentido taoísta das expressões “força masculina” e “mansidão feminina”.

Com o conceito “força” a filosofia gnóstica designa o estado monádico de poder. A mônada dispõe de um

grande poder, de uma série de poderes, através dos quais o grande plano divino deve realizar-se.

O conceito “mansidão” designa a natureza intrínseca da mônada, por exemplo, no sentido das palavras de Jesus: “Aprende de mim que sou manso de coração”. A mansidão provém do amor divino. “Bem-aventurados são os mansos, porque eles herdarão a terra”, afirma o Sermão do Monte.

A mônada abriga o ser divino duplo: a onipotência divina e o amor divino, a força masculina e a mansidão feminina. A onipotência, graças à polarização inversamente proporcional, é representada exclusivamente pelo tipo original do homem. O amor, pelas mesmas razões, é representado pelo protótipo da mulher. Isso, evidentemente, não exclui a presença do pólo oposto da mônada em cada uma das personalidades desses dois tipos.

Fazendo a abstração da forma e do caráter da manifestação atual dos dois sexos na natureza da morte, bem como de todas as dificuldades e problemas que daí resultam na vida dos seres humanos, vereis claramente que, no interior da esfera vital de cada entidade, a auto-realização é evidentemente possível. Com efeito, o poder divino e o amor divino, as duas correntes monádicas, estão presentes em cada forma humana. Todavia, é evidente que essa auto-realização, embora idêntica em seus resultados, apresentará diferentes desenvolvimentos nos dois sexos [...]. Não faz o menor sentido tentar descrever o homem ideal ou a mulher ideal. Eles não existem no nadir do mundo tridimensional!

O NASCIMENTO DO DIVINO

Trata-se, apenas, de vos fazer compreender, na maneira taoísta, como



Baixo-relevo grego
(ca. 490 a.C.). Hades
arrebata Perséfone
em seu carro puxado
por cavalos alados.

cada mônada pode adquirir uma personalidade que seja um instrumento ideal e de que maneira. E como, graças a esses instrumentos perfeitos, o reino terrestre e o céu-terra podem realmente responder ao grande objetivo divino. [...] Entretanto, o essencial é que, em todos os domínios da matéria e do espírito, a cooperação monádica ocorra naturalmente. [...] Com o terreno assim preparado, abordemos o capítulo 28 do Tao Te King: Quem conhece sua força masculina e, entretanto, conserva sua mansidão feminina é o vale do reino. Também podemos inverter esse texto: quem conhece sua mansidão feminina e, entretanto, utiliza sua força masculina, é o vale do reino.

Existe uma condição de poder da mônada e uma irradiação de amor de Deus; ambos emanam da mônada. E conheceis as palavras da primeira Epístola aos Coríntios, 13 que dizem que “mesmo que eu possuísse todas as coisas e não tivesse amor, nada seria”. O amor, como corrente monádica, é, portanto, superior, pois sem essa essência intrínseca da mônada a condição de poder não se desenvolveria. A força de Deus manifesta-se na corrente de amor de Deus. Portanto, vemos

sempre as duas correntes monádicas fundirem-se numa só. A partir dessa unidade, a trindade, a linhagem, a filiação divina, torna-se uma grande realidade. Portanto, se conseguis incitar essas duas correntes da mônada a se manifestarem na personalidade, a tornarem-se ativas, a filiação divina surge verdadeiramente em vós.

O “vale do reino” é uma antiga expressão chinesa para designar um verdadeiro laboratório alquímico. Da mesma forma que encontramos terra fértil e habitações humanas nos vales, um verdadeiro aluno entrará no “vale”, na morada e na oficina da grande Fraternidade se, da maneira correta, ele propiciar em si mesmo o encontro das duas correntes monádicas, a fim de que elas possam manifestar-se e colaborar de modo harmonioso: a força do poder aliada à grande, à maior mansidão. É primeiro sobre esse fundamento que se tornarão possíveis a cooperação e a unidade entre aqueles cujas personalidades diferem pela forma devido à polarização inversamente proporcional.

Rijckenborgh, J. van, *A Gnosis chinesa*, capítulo 28, O vale do reino. (Em preparação)

NÃO TOQUES NO VASO CHEIO.
NÃO TOQUES NO FIO DA LÂMINA.
NÃO TENTES MANTER A CÂMARA CHEIA DE OURO E PEDRAS PRECIOSAS.
QUEM SE ORGULHA DE SUAS RIQUEZAS CAMINHA À FRENTE DA INFELICIDADE.
REALIZADA A OBRA E ADQUIRIDO O PRESTÍGIO, É PRECISO RETIRAR-SE.
ESSE É O CAMINHO PARA O CÉU.

TAO TE KING, CAPÍTULO 9



496 pgs.

ISBN: 85-88950-13-8

UMA INTERPRETAÇÃO GNÓSTICA DO TAO TE KING DE LAO TSÉ,
POR J. VAN RIJCKENBORGH E CATHAROSE DE PETRI,
GRÃO-MESTRES DA ESCOLA INTERNACIONAL DA ROSACRUZ ÁUREA.


EDITORA
Rosacruz

www.editorarosacruz.com.br
info@editorarosacruz.com.br
Caixa Postal 39 - 13 240 000
Jarinu - São Paulo - Brasil
Tel (11)4016.1817 - fax 4016.5638



REAL IGUALDADE

O homem e a mulher constituem, cada um de per si, uma metade do gênero humano que povoa a terra. Essa situação não é das mais felizes e com freqüência se revela muito distante do ideal. Contudo, essas duas metades opostas se procuram mutuamente.

No melhor dos casos, isso acontece com amor e harmonia. Porém, freqüentemente vemos-las se opor com violência, irritação e desarmonia. Essas duas metades não podem existir uma sem a outra, mas ao mesmo tempo elas dificilmente conseguem viver juntas.

A filosofia da Rosacruz tem alguns pensamentos específicos sobre o ser humano. Uma dessas idéias é, por exemplo, a perfeita igualdade de valores entre o homem e a mulher. O ser humano, segundo os mais antigos livros de sabedoria, foi criado “homem e mulher”, como uma criação. De conformidade com isso, as diferenças que existem podem ser transformadas numa série de complementações e forças fortificadoras recíprocas que trazem para mais perto a verdadeira felicidade humana.